



## NARRATIVA PARA SANTIFICAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A AUTOBIOGRAFIA DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Fredson Pedro Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa o texto autobiográfico de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, procurando enfatizar os diferentes mecanismos de construção identitária que estruturam esta tipologia narrativa. Refletimos acerca das principais tópicas que envolvem o texto, relacionando-as com os processos de controle religioso que marcaram a Época Moderna, com foco na observação das relações estabelecidas entre o autor e os tribunais inquisitoriais do período. Utiliza-se como suporte teórico os conceitos de memória (LOWENTHAL, 1998), identidade narrativa (EAKIN, 2019) e pacto autobiográfico (LEJEUNE, 2008). Conclui-se que os sistemas de escritas de si e de publicação do período estiveram marcados por diversos pactos de leitura e estruturas de poder, que afetavam as dinâmicas sociais e as produções de autobiografias de viés religioso. Por fim, no caso da *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* podemos notar que o texto se inscreve em um movimento de afirmação da Companhia de Jesus enquanto braço religioso da Igreja Católica Romana, uma vez que a narrativa da vida de Inácio de Loyola servirá como exemplificadora para outros membros da ordem e teve como primeiro escopo de circulação as próprias redes de contato inaciana.

**Palavras-chave:** Inácio de Loyola; Autobiografia; Jesuítas; Companhia de Jesus.

## NARRATIVE FOR SANCTIFICATION: REFLECTIONS ON THE AUTOBIOGRAPHY OF SAINT IGNATIUS OF LOYOLA

**Abstract:** This article analyzes the autobiographical text of Ignatius of Loyola, founder of the Society of Jesus, aiming to emphasize the different mechanisms of identity construction that structure this narrative typology. We reflect on the main themes addressed in the text, relating them to the religious control processes that characterized the Early Modern period, with a focus on examining the relationships between the author and the inquisitorial courts of the time. The theoretical framework is based on the concepts of memory (LOWENTHAL, 1998), narrative identity (EAKIN, 2019), and autobiographical pact (LEJEUNE, 2008). It is concluded that the self-writing and publishing systems of the period were marked by various reading pacts and power structures that influenced social dynamics and the production of religiously oriented autobiographies. Finally, in the case of the *Autobiography of Saint Ignatius of Loyola*, we can observe that the text is part of a movement to affirm the Society of Jesus as the religious arm of the

<sup>1</sup>Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5787754503715172>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0466-6366>. Email para contato: [pedro.fredson@alumni.usp.br](mailto:pedro.fredson@alumni.usp.br).





Roman Catholic Church, as the narrative of Ignatius of Loyola's life would serve as an exemplar for other members of the order and initially circulated within the Ignatian networks of contact.

**Keywords:** Ignatius of Loyola; Autobiography; Jesuits; Society of Jesus.

## 1 Introdução<sup>2</sup>

O presente artigo objetiva analisar historicamente a autobiografia de Inácio de Loyola<sup>3</sup>, fundador da Companhia de Jesus e canonizado pela Igreja Católica em 12 de março de 1622. Buscamos refletir sobre as dinâmicas de estruturação discursiva-identitária e suas relações com as redes de sociabilidade<sup>4</sup> que cercavam este santo católico, salientando as marcas de produção narrativa autobiográfica dos primeiros séculos da Época Moderna. Pretende-se, também, discutir os processos de difusão deste estilo narrativo ao longo da modernidade, relacionando-o com as diferentes instituições de controle e poder deste período, tomando em consideração os jogos de interesses em torno do texto e os usos e formas de elaboração de memória.

Acreditamos que os processos de construção narrativa autobiográfica atuam como mecanismos para registrar efeitos das transformações do tempo, construindo memórias, relatando experiências, arquivando momentos e contando diversas mudanças vivenciadas. Ou seja, as narrativas acabam desempenhando um papel fundamental para a compreensão e a preservação das relações humanas nos mais distintos campos sociais.

Por meio da análise das narrativas autobiográficas é possível compreender os caminhos pelos quais as pessoas compartilham histórias, transmitem conhecimento, conectam-se emocionalmente umas com as outras e constroem/projetam sistemas de identidade (individual e coletivamente). A

---

<sup>2</sup>Este texto é fruto das discussões realizadas na disciplina Tópicos Especiais em História Social - Memória e Temporalidade I, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, conduzida pela professora Ana Rita Fonteles. Agradeço imensamente as contribuições e apontamentos realizados pela professora.

<sup>3</sup>É possível encontrar, nos textos que se referem a ele, diversas grafias para o nome, ora de maneira aportuguesada e em outros momentos em formas que mesclam português, castelhano e/ou basco: Ignácio de Loyola, Inácio de Loiola, Ignacio de Loiola ou ainda Ignacio de Loyola são algumas das possibilidades. Aqui, optamos por usar o primeiro nome em sua escrita portuguesa (Inácio) e o segundo nome, que faz referência ao local de seu nascimento na Espanha, em sua forma castelhana (Loyola).

<sup>4</sup>Entendemos por redes de sociabilidade o conjunto de relações codificadas em distintos arranjos entre sujeitos, grupos de sujeitos e diferentes instituições (religiosas, estatais, políticas, familiares, etc), sejam essas relações de caráter mais formal-organizado ou mais espontâneas-informais. As formas de estruturação das redes de sociabilidade são múltiplas, abarcando uma miríade de práticas, hábitos, valores e amizades, que, por sua vez, sustentam uma gama de objetivos e condutas, que atuam como mecanismos de negociação, resistências, rearranjos, rupturas e manutenção de poderes nas escalas macro e micro sociais. Para uma análise mais aprofundada sobre a ideia de sociabilidade, ver: AGULHON, 2016.



narrativa autobiográfica é a maneira pela qual os seres humanos atribuem significados em torno de eventos, experiências, relações e sentimentos, permitindo-os refletir sobre as múltiplas e diversas facetas do mundo das sociabilidades. Como bem salienta Philippe Artières, ao problematizar os diferentes processos de arquivamento de memórias, na “autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Não seria exagero dizermos que o desenvolvimento das autobiografias constitui, por excelência, uma forma especializada de narrativa que coloca o indivíduo no centro da história, tendo em vista que elas fundamentam e edificam processos de elaborações identitárias. Ao escreverem sobre suas próprias experiências, conflitos, expectativas, pensamentos e emoções, as pessoas não apenas deixam um registro de sua vida, mas produzem uma *identidade narrativa*. Conforme destaca Eakin, “a narrativa não é simplesmente *sobre* o eu, mas sim, de maneira profunda, parte constituinte *do* eu” (EAKIN, 2019, p. 18). Dessa forma, as narrativas autobiográficas estruturam diversos campos da experiência humana, pois, enquanto discursos de identidade, elas orientam e dão significado para inúmeras de nossas ações enquanto indivíduos participantes de uma coletividade social, ou seja, elas desempenham um papel estruturante na elaboração das identidades e das formas como somos vistos (ou queremos ser vistos) em nosso mundo social. Nesta senda, segundo Lejeune, as maneiras como as identidades são criadas/apresentadas/reconfiguradas nas autobiografias não são absolutas, uma vez que apresentam ambiguidades e disputas, como uma espécie de jogo com múltiplas direções que podem ser seguidas (LEJEUNE, 2008, p. 56).

Destarte, é fundamental destacar que as formas de narrativa autobiográfica não foram sempre as mesmas. Em diferentes épocas e lugares existiram distintos tipos de narrativas autobiográficas, cada uma delas com objetivos próprios, influenciando e sendo influenciadas pelas práticas, estruturas culturais e campos sociais que faziam parte do seu mundo, atuando na manutenção, ressignificação, negociação e ruptura de micro e macro poderes. Para cada tempo e espaço existiram diferentes regularidades de elaboração das formalidades narrativas, sendo que estas regularidades atuaram definindo tópicos, temas, modos de contar-se, públicos e outros elementos que atuaram nos modos de produção discursiva.

## 2 Inácio de Loyola e a estruturação textual de sua autobiografia

Inácio de Loyola nasceu em 1491, onde hoje se localiza a pequena cidade de Azpeitia, no País Basco espanhol, tendo se projetado como uma figura notável da história religiosa e espiritual da Reforma Católica. Segundo seus biógrafos, ele teria sido criado em um ambiente de nobreza, sendo filho de D. Beltrão Ibañez de Oñaz e Loyola e de D. Marina de Licona e Balda, com suas primeiras inclinações apontando para uma vida militar, atuando inicialmente como pajem de Juan Velázquez de Cuellar e, depois, como gentil-homem do vice-rei de Navarra, António Marinque de Lara (PEDROSO, 2007, p. 13-14; IPARRAGUIRRE, 1963, p. 36-37).

Aos 30 anos de idade, durante o cerco de Pamplona, em 1521, sofreu uma profunda lesão que mudou o curso de sua vida, tendo sido ferido gravemente por uma bala de canhão. Para recuperar-se das chagas de batalha, passou meses convalescendo na casa de seus pais, período em que teria mergulhado nas leituras religiosas, nutrindo-se das vidas dos santos e dos relatos sobre a história de Jesus Cristo (IPARRAGUIRRE, 1963, p. 38). De acordo com as hagiografias<sup>5</sup> que abordam a trajetória de Inácio de Loyola, este retiro forçado alterou significativamente sua visão de mundo, provocando uma profunda transformação espiritual, marcando o início de sua jornada ascética (PEDROSO, 2007, p. 25). A experiência de quase-morte configurou um processo de aprofundamento da sua espiritualidade cristã, fazendo com que ele assumisse outras expectativas de vida. A ideia de um futuro casamento, a aquisição de glórias militares e o aumento do seu status dentro da nobreza hispânica passaram a ser projetos abandonados. Seu processo de conversão interior, teria feito com que Inácio de Loyola passasse a alimentar vorazmente a ideia de se dedicar exclusivamente à expansão da mensagem evangélica cristã, gastando sua vida de acordo com seus novos propósitos.

Recuperado dos ferimentos de guerra e despojando-se de suas vestes e armas militares, Inácio de Loyola partiu para Montserrat<sup>6</sup> em 1522, de onde pretendia peregrinar a pé até Jerusalém.

---

<sup>5</sup>Hagiografia é o estudo ou a escrita de biografias de santos, mártires ou figuras religiosas reverenciadas, consistindo em um gênero muito popular entre os cristãos católicos. A origem do termo vem da junção de uma palavra grega e uma latina, sendo *hagia* (ἁγία) traduzida como “santo/sagrado” e *graphia* significando “escrita” ou “descrição”. Essas biografias geralmente têm um tom de veneração, focando nas virtudes, milagres e feitos extraordinários das pessoas retratadas, muitas vezes com o intuito de inspirar fé ou devoção religiosa.

<sup>6</sup>A região, localizada na Catalunha, é famosa por abrigar o mosteiro beneditino de Santa Maria de Montserrat, construído na Idade Média, por volta do século IX. O culto à Virgem Negra de Montserrat já era bastante difundido ao longo do século XVI, o que teria possivelmente teria motivado a escolha de Inácio de Loyola ir para a região. Atualmente o mosteiro de Santa Maria de Montserrat é um dos principais centros de devoção mariana da Europa.

Foi neste contexto de peregrinação e reclusão religiosa que o fundador da Companhia de Jesus passou a escrever, em Manresa<sup>7</sup>, os fundamentos dos seus famosos Exercícios Espirituais, obra de autorreflexão e meditação que se tornaria um pilar da espiritualidade católica moderna, tendo por escopo o desenvolvimento do chamado discernimento espiritual (LONDOÑO, 2002, p. 16).

Inácio de Loyola também passou uma temporada em Paris, onde desenvolveu parte dos seus estudos, tendo se licenciado em 1533 e adquirido o título de mestre em 1535, ambos em Artes (IPARRAGUIRRE, 1963, p. 41-44). Foi em Paris que, juntamente com um grupo de seguidores, fundaram a Companhia de Jesus, ordem religiosa que se destacou por seu papel nas dinâmicas, conflitos, acordos e inovações da Reforma Católica. Inácio de Loyola faleceu em 1556, na sede da Companhia de Jesus em Roma. Os Jesuítas, como ficaram conhecidos os membros da ordem inaciana, tornaram-se agentes de mudança na Igreja Católica, atuando como educadores, missionários e conselheiros espirituais ao redor do mundo.

As informações presentes na autobiografia de Inácio de Loyola foram colhidas e transcritas pelo padre jesuíta Luís Gonçalves da Câmara<sup>8</sup> entre os anos de 1553 e 1555, período em que teve a oportunidade de conviver diretamente com o fundador da Companhia de Jesus em sua sede localizada em Roma. Segundo os relatos dos membros da ordem religiosa que conviveram com Inácio de Loyola, a produção de uma autobiografia não era um dos objetivos do santo católico. Ela teria surgido em decorrência de vários pedidos que foram feitos por seus companheiros, que viam na história de vida dele a oportunidade de terem um exemplo adequado de conversão e modelo de comportamento cristão, uma vez que seria possível conhecer melhor os elementos interiores do processo de transformação pelo qual havia passado seu pai espiritual. No prólogo da autobiografia de Inácio de Loyola, o padre Jerónimo Nadal<sup>9</sup> comenta este fator: “Pensando que aquele era o momento oportuno, pedi-lhe insistentemente que nos quisesse expor o modo como Deus o tinha

<sup>7</sup>Cidade situada no nordeste da Espanha, localizada na região da Catalunha.

<sup>8</sup>Luís Gonçalves da Câmara foi um jesuíta português, nascido em Funchal, Ilha da Madeira, em 1519 e falecido em Lisboa em 1575. Foi confidente de Inácio de Loyola e, também, confessor e preceptor do rei Dom Sebastião. Foi nomeado reitor do Colégio de Jesus na cidade de Coimbra em 1547 e atuou como missionário em Tetouan, no Marrocos. Em 1554 foi nomeado ministro da Casa Professa dos Jesuítas. Maiores informações, verificar: CARVALHO, 2001.

<sup>9</sup>Jerónimo de Nadal nasceu em 1507, em Palma de Mallorca, e faleceu em 1580, em Roma. Doutor em Teologia pela Universidade de Avignon. Atuou como reitor do Colégio Jesuíta de Mesina, visitador na região da Alemanha e posteriormente foi nomeado Vigário Geral da Companhia de Jesus em 1554. Atuou também como teólogo papal na dieta de Augsburg. Nadal foi um dos principais assessores de Loyola nos anos finais de sua vida, tendo sido responsável por formular uma série de regras que visavam orientar o andamento dos colégios jesuítas, que posteriormente serviram de base na construção do *Ratio Studiorum*. Maiores informações, verificar: JURADO, 2001.



guiado desde o princípio da sua conversão, a fim de que esse relato pudesse ser para nós como um testamento e ensinamento paterno” (LOIOLA, 2005, p. 16).

Neste sentido, é possível perceber que existe um pacto, pelo menos ao longo dos primeiros séculos da Época Moderna, entre leitores e narrador, cujo objetivo seria a aproximação dos leitores ao modelo de vida e de conduta católica de Inácio de Loyola, tido como padrão referencial a ser seguido. A presença do pacto autobiográfico no caso da narrativa aqui analisada também pode ser notada no fato de que o texto autobiográfico teve uma circulação inicial bastante restrita, podendo ser acessado apenas pelos membros da Companhia de Jesus, que viam na figura de seu fundador um paradigma comportamental. Isto é, primordialmente o pacto autobiográfico se fez entre os membros de uma mesma ordem eclesiástica, que buscavam na leitura do texto uma matriz de como proceder em sua vivência.

Como destaca Philippe Lejeune, vale dizermos que é na relação estabelecida entre leitores e autores que se fundamenta uma espécie de "contrato" que marca as autobiografias (LEJEUNE, 2008). Tendo em vista sua definição enquanto forma de comunicação literária, o texto autobiográfico se configura tanto como "um modo de leitura quanto um tipo de escrita" (LEJEUNE, 2008, p. 46), firmado na relação entre alguém que conta aspectos da sua vida e outro alguém que os lê (não necessariamente tomando-os como verdade absoluta, mas enxergando-os como atribuídos a um indivíduo que fala de eventos de si no tempo e no espaço, mesmo que o leitor possa duvidar da verdade deles).

Assim sendo, cumpre dizer que a ideia de pacto não é engessada por Lejeune, segundo o qual as autobiografias possuem justamente a capacidade de criar a "ilusão" do acordo entre as partes (até mesmo porque seria impossível rastrear todas as formas de leitura de um texto, tendo em vista a multiplicidade de perspectivas de leitura que variam de pessoa para pessoa) (LEJEUNE, 2008, p. 56-57). Desse modo, assim como Lejeune, adotados uma perspectiva das autobiografias que se fundamenta em algo exterior ao texto (os pactos de leitura-escrita) e não unicamente em elementos internos da produção. Por exemplo, no caso da *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola*, ela é narrada por ele e escrita por um terceiro agente, que atua coletando as memórias e as transformando em texto escrito, que é destinado a um público específico, mas que depois se expande para além do inicialmente pensado.

No que tange a sua organização, a *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola* é composta por onze capítulos que narram os principais episódios de sua vida, desde suas aventuras (e desventuras)

como cavaleiro em Pamplona até a composição dos Exercícios Espirituais e das Constituições da ordem jesuíta. Ou seja, possuem como baliza cronológica um período de aproximadamente 17 anos, indo de 1521 até 1538.

### 3 Confissão, narração e santificação – modelos de escritas autobiográficas

Segundo Marina Massimi (2011), um dos marcos fundamentais da História Ocidental para entendermos a ideia de autobiografia, com suas permanências e transformações ao longo do tempo, é a obra *Confissões* (397-398 d. C.), de Santo Agostinho de Hipona. De acordo com a autora, as *Confissões* são um referencial para a produção autobiográfica da Antiguidade e da Idade Média, uma vez que a “busca pelo conhecimento de si mesmo baseado no dinamismo da memória e na reflexão filosófica” passa a ser uma força propulsora para inúmeros escritos religiosos do período, deixando suas marcas, inclusive, na produção textual da Modernidade. Assim sendo, “a confissão é um posicionamento do eu, onde ato de conhecimento de si e ato da narrativa de si coincidem”, fazendo com que a narrativa autobiográfica passe a se tornar a “expressão da unidade entre a vivência e a pessoa” (MASSIMI, 2011, p. 14).

Conforme destaca Erick Carvalho (2021, p. 461-462), três fenômenos marcaram o processo de escritas de vida nos primeiros séculos da Época Moderna, sendo eles: 1) a valorização da figura do indivíduo pelo Humanismo; 2) o processo de mundialização decorrente da expansão ultramarina, que colocou diversas interrogações acerca de si e do outro para o universo da Europa Moderna, com inúmeras questões sobre a natureza humana e suas variações; e 3) as alterações nos domínios eclesiásticos decorrente das reformas Protestante e Católica. É justamente neste último bloco de fenômenos que acreditamos ser pertinente enquadrar a escrita de Inácio de Loyola.

Podemos destacar dois temas que norteiam o texto autobiográfico de Inácio de Loyola: 1) os sofrimentos físicos-espirituais e enganos enfrentados pela cristandade (e por ele mesmo) ao longo do processo de conversão, e 2) o amadurecimento do discernimento espiritual que acompanha a dinâmica envolvendo a edificação da Companhia de Jesus e a prática dos Exercícios Espirituais.

Inácio de Loyola acreditava, conforme fica evidente em diversos capítulos, que todo o crescimento espiritual era uma virtude a ser cultivada e treinada, tendo por fundamento a fidelidade e a comunhão com a Igreja Católica. Assim sendo, visando combater as enganações do demônio e tendo como foco legitimar sua pretensão de oferecer um “remédio” para os problemas da

cristandade, Inácio de Loyola, motivado por suas experiências espirituais, vai escrever os seus Exercícios Espirituais e fundar, juntamente com outros adeptos, a Companhia de Jesus.

Logo no início da autobiografia, no capítulo um, Inácio de Loyola sinaliza a importância de uma análise acurada dos desejos que perpassavam os corações humanos, narrando seu próprio processo de desenvolvimento de um discernimento espiritual:

Mas não reparava nisso nem se detinha a ponderar esta diferença, até que uma vez se lhe abriram um pouco os olhos e começou a maravilhar-se desta diferença e a fazer reflexão sobre ela. Compreendeu então por experiência que de uns pensamentos ficava triste e de outros alegre, e pouco a pouco veio a conhecer a diversidade dos espíritos que se agitavam: um do demônio e o outro de Deus (LOIOLA, 2005, p. 31-32).

A *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* expressa uma interioridade marcada por conflitos entre forças opostas, apresentando uma construção da narrativa repleta de polaridades – o bem, o mal, Deus, Diabo (LOIOLA, 1999, p. 32). A variação de sentimentos e pensamentos se confrontam em diversos episódios do texto, até que ele consiga desenvolver uma maturidade espiritual que vai basear a construção dos seus Exercícios Espirituais, instrumento que será utilizado para a expansão do Cristianismo e robustecimento das práticas de meditação e reflexão religiosa da Igreja Católica. Conforme destaca Massimi (2014, p. 30), “a presença dos afetos desordenados é topos inaciano”. Os aspectos dramáticos do discernimento e os embates pelo deserto espiritual no processo de conversão do santo católico foram abordados em vários trechos da sua autobiografia, conforme pode ser visto no trecho a seguir:

[...] começou a ter grandes variações na sua alma, encontrando-se às vezes tão desanimado que não sentia gosto nem em rezar, nem em ouvir missa, nem em qualquer outra oração que fizesse<sup>8</sup>. Outras vezes, tudo era tão diferente disto e tão subitamente, que parecia que lhe tinham tirado a tristeza e a desolação, como quem nos tira a capa. E aqui começou a espantar-se destas variações que nunca antes tinha experimentado [...] (LOIOLA, 2005, p. 45).

Vale dizermos que a presença demoníaca não é um elemento novo no discurso religioso cristão. Sua origem remonta a própria narrativa bíblica, na qual a figura de um inimigo da cristandade assume diversas facetas, marcando presença por meio de uma atuação composta por enganos e sedução, o que demandaria uma resistência constante por parte dos cristãos às tentações por ele ofertadas<sup>10</sup>. Entretanto, como destaca Delumeau (1989, p. 221-226), o período do

<sup>10</sup>Citações da presença demoníaca e sua contraposição aos desígnios divinos já se apresentava na narrativa judaica, podendo ser observadas em diversos trechos do Antigo Testamento: Gn. 3:1; Lv. 16:8; Lv. 17:7; Dt. 32:17; 1Sm. 16:14; Jó 1:7; Jó 2:2; Sl. 106:37; Zc. 3:1. No Novo Testamento a presença demoníaca pode ser encontrada na narrativa cristã



Renascimento assistiu a uma difusão dos discursos escatológicos sobre o fim do mundo, com o retorno do anticristo, e a Época Moderna na Europa Ocidental, de uma maneira geral, concedeu “uma coerência, um relevo e uma difusão jamais atingidos anteriormente” no que se refere às imagens e a conceitualização da figura demoníaca. Segundo o autor, a obsessão com relação à invasão do demônio no imaginário e na consciência religiosa moderna pode ser percebida em dois aspectos da iconografia do período, sendo eles: “um alucinante conjunto de imagens infernais e a ideia fixa das incontáveis armadilhas e tentações” produzidas por Satã (DELUMEAU, 1989, p. 240). Entre o amplo acervo de pinturas que tratam a temática, vale citar as obras de Hieronymus Bosch, dos irmãos Van Eyck e Henri Bles, de Joachim Patinir, e aquelas produzidas por Michelangelo dentro das paredes do próprio Vaticano (DELUMEAU, 1989, p. 241-242). Vemos, desse modo, que o discurso inaciano se projeta inserido em um amplo quadro de publicações e narrativas, situadas em diferentes suportes comunicativos acerca do demônio.

Outro elemento bastante interessante que perpassa toda autobiografia de Inácio de Loyola é a questão da confissão, sendo ela uma das principais práticas de devoção religiosa do santo católico. Em diversos momentos de sua vida Inácio de Loyola ressalta a importância da confissão, demonstrando que realizava o sacramento com frequência e criando uma série de instrumentos para sua correta preparação (LOIOLA, 2005, p. 28, 41, 46, 48, 68 e 91). Inclusive, vale dizermos, existe uma grande parte dos Exercícios Espirituais dedicada ao exame de consciência e as práticas de purificação para uma melhor confissão (LOIOLA, 2005, p. 13-15). Ao iniciar seu processo de peregrinação decorrente de sua conversão, Inácio de Loyola relata que ao partir de Navarrete<sup>11</sup> “foi, segundo o seu costume, pensando nos seus propósitos e, chegando a Monserrate, depois de fazer oração e tendo combinado com o confessor, fez confissão geral por escrito, e a confissão demorou três dias” (LOIOLA, 2005, p. 41).

É difícil definirmos, no caso da confissão, se foi o contexto que influenciou as memórias de Inácio de Loyola ou se foi a disseminação das práticas da Companhia de Jesus que impactou nas decisões da Igreja Católica da época sobre o assunto, uma vez que, ao mesmo tempo que Inácio e seus companheiros realizavam os Exercícios Espirituais ao redor da Europa, se desenvolviam as

---

em: Mt. 4:1; Mt. 10:8; Mt. 12:24; Mc. 1:34; Mc. 16:17; Lc. 4:35; Lc. 4:41; Lc. 10:17; At. 19:12; 1Cor. 10:19; Ef. 6:12; 1Tm. 4:1; Tg. 4:7; Ap. 12:9; Ap. 16:14.

<sup>11</sup>Cidade localizada na região norte da Espanha, atualmente parte da comunidade autônoma de La Rioja.



etapas do Concílio de Trento<sup>12</sup>. Para percebermos essa relação entre as duas coisas, basta observarmos que a segunda etapa do Concílio de Trento aconteceu entre os anos de 1551 e 1552 e, conforme dito anteriormente, a narração que compõe a *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola* foi realizada entre 1553 e 1555. No caso das decisões do Concílio, chama-nos atenção as diretrizes apresentadas pela Sessão XIV, voltada para impasses e dilemas relacionados aos sacramentos da confissão. O capítulo cinco da dita sessão, nomeado como “Da confissão”, destaca a necessidade de que os fiéis exponham de maneira detalhada e sistemática todos os seus pecados, descrevendo as circunstâncias de sua produção, permitindo que, desta forma, os confessores possam ter um conhecimento ampliado das situações danosas nas quais os erros foram cometidos, objetivando a imposição, aos penitentes, de uma punição adequada e a sua posterior absolvição<sup>13</sup>. Nota-se, desse modo, o surgimento de uma nova mentalidade dentro dos quadros da Igreja Católica da Época Moderna, que passam a desenvolver um afinado sistema de controle social que se baseava nas práticas de confissão, criando uma verdadeira “política de controle das consciências, que passa a ser promovida pela Igreja Católica do momento” (MARTINS, 2019, p. 150). Neste sentido, Prosperi (2013, p. 487) aponta que dentro dos ideais da Companhia de Jesus, o ato de confessar-se (e de modo específico a realização da chamada confissão geral) “encarnava melhor do que qualquer outra prática devota o movimento que das profundezas da abjeção levava ao desejo de resgate, do conhecimento de si mesmo à vitória sobre os próprios instintos culpados – e portanto, do abismo do pecado à cúspide da perfeição”.

Cumprе lembrar que, conforme destaca Lowenthal, “recordações são maleáveis e flexíveis” – inclusive aquelas produzidas pelos santos da Igreja Católica – e que a “conversão pode transformar dramaticamente todo nosso passado memorado” (LOWENTHAL, 1998, p. 97-99). A interpretação nova dos eventos do passado acontece sempre à luz dos acontecimentos mais recentes, que moldam o entendimento daquele que recorda e da necessidade que traz a recordação. Nesta senda, a memória atua como uma grande sistematizadora e ordenadora dos processos de consciência

---

<sup>12</sup>O Concílio de Trento foi o 19º grande concílio da Igreja Católica. Suas reuniões duraram 18 anos e acontecerem sob a jurisdição de diferentes papas, fazendo com que ele seja dividido em três fases: a primeira ocorreu entre 1545 e 1549, com mudança de Trento para Bolonha no período entre 1547 e 1549, e foi convocada e conduzida pelo Papa Paulo III; por sua vez, a segunda etapa efetuiu-se entre anos de 1551 e 1552, momento do papado de Júlio III; e por fim, a terceira e última fase desenvolveu-se em 1562 e 1563, no pontificado de Pio IV. Para maiores informações sobre a estruturação e os diversos pontos abordados no Concílio de Trento, ver: MARTINS, 2019.

<sup>13</sup>Para maiores informações, verificar: **O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento** [...] Sessão XIV, Doutrina dos Santissimos Sacramentos da Penitência, e Extrema-Unção, Capítulo V, Tomo I. Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781. Tomos I. p. 313-321.

de si. Com efeito, não seria exagero pensar que ao construir sua autobiografia, Inácio de Loyola deu destaque justamente aos temas que emergiam como mais importantes no contexto das discussões religiosas do momento presente, sendo a confissão um deles. Tendo em vista que a memória não é sequencial, os acontecimentos relacionados a eventos que marcam a pessoa vão sendo adaptados no intuito de enriquecer o presente, por isso, talvez, a questão das práticas de confissão tenha ganhado tanto destaque, aparecendo várias vezes na sua narrativa autobiográfica. Novas experiências alteram os esquemas mentais pelos quais os fatos conhecidos são lembrados e analisados, gerando novos significados para as experiências vivenciadas (LOWENTHAL, 1998, p. 97).

Ademais, vale dizer que quando um indivíduo se narra, os valores fundamentais de determinada cultura colocam-se em jogo, estabelecendo regras de validação, negação e reconhecimento daquilo que é dito e escrito na elaboração da sua identidade (EAKIN, 2019, p. 37). Assim sendo, percebemos que a identidade individual (e narrativa) não é moldada a partir do nada, como se fosse um elemento extemporâneo e puro, sem influências externas. Pelo contrário, falar sobre si mesmo é um trabalho de autoconstrução, tendo em vista que a identidade é formulada com base nos recursos culturais que nos rodeiam, seja para confirmá-los, negá-los ou ressignificá-los.

No caso da autoconstrução da figura de Inácio de Loyola, ser homem, ser religioso e ser nobre são algumas das categorias de identificação e elaboração de sua identidade narrativa. Percebemos, também, que o posterior reconhecimento da Igreja Católica acerca da importância dos escritos de Inácio e sua elevação a categoria de santo em março de 1622 foram elementos que serviram para confirmar e validar sua identidade narrativa socialmente. Nota-se, desse modo, que as práticas de sociabilidade construídas por Inácio de Loyola e pelos membros da Companhia de Jesus atuaram como categorias de relações históricas e construções de memória, confirmando e acentuando confluências de interesses estabelecidos objetivamente entre indivíduos e instituições de poder, garantindo certos modos de sentir, pensar e agir.

#### 4 Modernidade, aparelhos de repressão e contextos de produção-difusão

Ao tratar das autobiografias da Época Moderna, James S. Amelang (2004) destaca que podem ser muitas as suas motivações de existência, tendo em vista que este tipo textual é, por excelência, aquele cujos autores defendem justamente a radicalidade da sua singularidade, tendo em vista que cada vida, com suas experiências, é única. Destarte, apesar das especificidades de cada

narrativa, Amelang (2004, p. 11-12) afirma ser possível estabelecer elementos de categorização dos textos autobiográficos, uma vez que estes ego-documentos abordam temas, possuem públicos e desenvolvem estruturas de escrita que permitem enquadrá-los de acordo com os interesses historiográficos de quem os lê. Dentre as diversas intenções explícitas que compõem os catálogos de escrita autobiográfica, acreditamos que a *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* se enquadra naqueles textos desejosos de "registrar os desígnios da providência", com um forte objetivo de conversão e santificação dos leitores (AMELANG, 2004, p. 11).

O historiador Fernando Torres Londoño (2002, p. 16-17), em artigo que analisa os processos de escrita dos membros da Companhia de Jesus na Época Moderna, afirma que Inácio de Loyola, além de ter sido um homem de ação, foi também “um homem da escrita”, para quem “escrever era um ato de comando por um sentido” e que “acreditava na comunicação como forma privilegiada de ação”. É certo que a linguagem que utilizamos para apresentar nós mesmos e nossas histórias para outras pessoas faz parte de um discurso regido por várias regras sociais: cada tempo e lugar estabelecem normas que operam a forma como são estabelecidos os regimes identitários – com a escrita de Inácio de Loyola não foi diferente.

De acordo com Londoño (2002, p. 16-17), cada um dos tipos textuais de Loyola tinha marcas de produção e funções muito específicas: “os *Exercícios Espirituais* para ensinar e acompanhar, as *Constituições* para regulamentar, as *Instruções* aos membros da Companhia para manter a união, seus diários para entender sua própria espiritualidade, e as cartas como forma de agir e comunicar sobre os mais variados assuntos”. Desse modo, é possível dizer que na elaboração dos textos inacianos coexistiram outros múltiplos sistemas de produção e enfoques de destinatários. Neste sentido, uma marca textual interessante da *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* é a narrativa dos incidentes de Inácio e seus companheiros com as inquisições europeias<sup>14</sup> e com os diferentes sistemas de jurisdição eclesiástica da época.

Os relatos de Inácio de Loyola se inscrevem em um contexto no qual a Igreja Católica desenvolvia mecanismos de centralização eclesiástica em Roma, visando enfrentar as heresias protestantes que se espalhavam pelo mundo. Como destaca Prosperi (2013, p. 31), foi a Congregação

---

<sup>14</sup>Entendemos que as inquisições foram órgãos de poder eclesiásticos altamente influenciados pelos poderes de cada lugar. Desse modo, optamos por utilizar o termo no plural, visando destacar a multiplicidade de especificidades que marcam as políticas, as práticas e os resultados missiológicos, jurisdicionais, punitivos e repressivos da inquisição em cada campo de atuação e nas suas diferentes ramificações locais. Para uma discussão mais aprofundada sobre as dinâmicas de atuação inquisitorial, ver: BETHENCOURT, 1994.



do Santo Ofício que concentrou em suas mãos esta atividade, sendo “o ápice do sistema de congregações, tribunal supremo e lugar de elaboração e de controle da doutrina ortodoxa”. Assim sendo, é possível dizermos que os relatos de Inácio de Loyola acerca dos conflitos eclesiásticos nos demonstram aspectos dos sistemas de colaboração e oportunismo político e das relações de força e conveniência que pautavam a atuação destes tribunais.

De acordo com as informações presentes em sua autobiografia, Inácio de Loyola sofreu o primeiro processo inquisitorial em 1526, na cidade de Alcalá de Henares<sup>15</sup>, movido por membros da inquisição de Toledo que desconfiavam das suas ações e de seus companheiros. Inicialmente, não encontrando motivos para inquirição direta dos acusados, os agentes da inquisição passaram os processos para o foro diocesano, que o declarou inocente, apesar de indicar instruções sobre seu comportamento e o de seus acompanhantes. As autoridades eclesiásticas os proibiram de andar todos com vestimentas semelhantes e sem calçados nos pés (LOIOLA, 2005, p. 83-85), pois não eram membros de nenhuma ordem religiosa e este comportamento não era adequado, podendo causar confusão para as outras pessoas, tendo em vista que a existência de ordens e congregações religiosas deveria ser cancelada pelas autoridades competentes.

Ainda em Alcalá de Henares, Inácio de Loyola foi alvo de mais duas inquirições pelos agentes da Inquisição Espanhola: em março e em junho de 1527. Os dois casos envolviam contatos estabelecidos com mulheres da região. O primeiro destes casos decorria de visitas que Inácio de Loyola recebia de uma mulher casada e nobre que teria grande devoção para com ele, mas acabou sendo encerrado sem nenhum tipo de convocação ou punição para o futuro fundador da Companhia de Jesus. Por sua vez, a terceira inquirição realizada em Alcalá de Henares, resultou em sua prisão por 40 dias, tendo sido acusado de incentivar que duas mulheres de origem nobre viajassem sozinhas em peregrinação até Jaén, local onde se encontra o suposto véu utilizado por Verônica para limpar a face de Jesus Cristo durante o processo de crucificação. Destarte, apesar da prisão, após averiguação dos fatos pelo padre Juan Rodrigues de Figueroa, vigário do Arcebispado de Alcalá de Henares, Inácio de Loyola teve sua sentença de inocência declarada (LOIOLA, 2005, p. 82-83 e 89).

Naquele mesmo ano e no mês seguinte, em julho, mas dessa vez na cidade de Salamanca, Inácio de Loyola foi novamente preso por agentes da Inquisição Espanhola. Desta vez a prisão foi realizada por dominicanos, ficando ele recluso durante três dias em uma igreja da Ordem de São

<sup>15</sup>Cidade localizada no centro do atual território espanhol e parte da Comunidade de Madrid, sendo bastante conhecida por acolher a sede da Universidade de Alcalá, fundada pelo Cardeal Cisneros em 1499.



Domingos e depois tendo sido levado para uma prisão, na qual ficou, juntamente com alguns dos seus companheiros, por mais 22 dias. Neste episódio Inácio de Loyola foi acusado de ensinar aspectos do cristianismo que eram proibidos para pessoas sem formação adequada. Após o julgamento, na sentença do vigário geral Martins Frias, ficou proibido de ensinar elementos da doutrina católica, especificamente referentes as distinções entre pecados mortais e pecados veniais, até que se formasse em uma universidade. Inácio relata em sua autobiografia que esta proibição foi demasiada pesadosa para ele, uma vez que o impedia de divulgar a mensagem salvífica de Cristo. Nas palavras de sua autobiografia, ele diz que “encontrava grande dificuldade em estar em Salamanca, pois que, para aproveitar às almas, parecia-lhe ter a porta fechada, com esta proibição de não definir pecado mortal e venial” (LOIOLA, 2005, p. 93-96).

Novamente, em 1529, levantaram-se novos rumores contra Inácio e ele foi acusado de heresia para agentes da Inquisição Romana que atuavam na cidade de Paris<sup>16</sup>. Ao saber que seria convocado pelos funcionários do Tribunal da Inquisição, ele mesmo teria procurado o inquisidor responsável, o dominicano Mestre Ory. Segundo o relato presente na *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola*, ao analisar a situação de Loyola, Ory apenas teria pedido para verificar o conteúdo dos escritos que compunham os Exercícios Espirituais e depois o dispensado sem maiores problemas (LOIOLA, 2005, p. 106).

Em vista destes episódios, podemos entender que a construção autobiográfica de Inácio de Loyola se conecta profundamente com a história dos aparelhos de repressão e das práticas jurídicas modernas. Conforme pode ser observado, ao elaborar sua identidade narrativa no processo de escrita autobiográfica, Inácio de Loyola ressalta alguns dos episódios de prisão e as diversas acusações que sofreu ao longo de sua trajetória, destacando-se os processos sofridos em Alcalá, Salamanca e Paris. Estas são, a nosso ver, algumas das influências externas para além do autor-narrador que “falam” e colocam questões no texto autobiográfico. A presença destes eventos na sua autobiografia nos faz pensar que Inácio de Loyola quis ressaltar os abusos e erros que certas instituições que compunham a Igreja Católica poderiam cometer. Daí decorre, talvez, o voto de obediência direta ao papa feito pelos jesuítas em seus estatutos. Evitava-se (ou, pelo menos, reduzia-se), desse modo, a interferência

---

<sup>16</sup>Diferentemente de Espanha e Portugal, que obtiveram da Igreja Católica o direito de terem tribunais de inquisição próprios, controlados pelos poderes régios, a França não detinha este mecanismo de jurisdição eclesiástica tão autônomo. Assim sendo, os funcionários da inquisição que atuavam em Paris estavam ligados à Inquisição Italiana, controlada diretamente pela Cúria Romana. Para maiores informações sobre a atuação da Inquisição Romana na França ao longo do século XVI, ver: TALLON, 2004.



política e religiosa dos regimes de monárquicos sobre sua atuação missionária, indo na esteira da separação dos foros trazida pelas diretrizes de Trento, que viam no surgimento das igrejas nacionais protestantes uma ameaça ao poder romano e propunham, cada vez mais, a ampliação dos poderes dos dicastérios romanos.

Por fim, um último elemento que gostaríamos de analisar, referente ao contexto de produção da *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*, diz respeito aos mecanismos de produção, reprodução e circulação do texto. De acordo com Burke (2002, p. 176), em 1500, ou seja, em torno de 60 anos após o uso pela primeira vez da imprensa por Gutenberg, já existiam aproximadamente 13 milhões de livros impressos em circulação pela Europa. Para Burke (2002, p. 176), o processo de amplificação de materiais disponíveis na Época Moderna trouxe mudanças expressivas nas formas de leituras, exigindo maior capacidade de filtragem dos conteúdos e demandando uma decodificação extensiva das obras.

O avanço da imprensa barateou o custo dos livros, tornando-os mais portáteis e facilitando sua circulação. Por conseguinte, neste contexto, podemos inferir que o texto autobiográfico de Inácio de Loyola pôde circular de maneira mais acessível entre os novos membros da Companhia de Jesus, criando uma verdadeira comunidade leitora de sua obra e fortalecendo a ideia de que sua vida seria o modelo ideal a ser seguido. Neste caminho, a *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* passou a ser uma obra obrigatória nas bibliotecas dos colégios inicianos, servindo como paradigma de fé, discernimento e conversão.

Destarte, apesar das facilidades de circulação que a expansão das técnicas e dos aparelhos tipográficos trouxe, “a nova invenção produziu uma necessidade de métodos de gerenciamento da informação”, sendo necessária, para alguns teóricos, a “seleção e crítica de livros e autores” (BURKE, 2002, p. 175). No caso romano e no universo cristão de maneira geral (e aqui se enquadra a obra de Inácio), o controle foi sempre efetuado pela Igreja Católica, sendo a escolha e a triagem dos materiais uma função das inquisições – foi, justamente nesta conjuntura, que se elaborou e se instituiu, em 1559, o *Index Librorum Prohibitorum*<sup>17</sup> (que vigorou até 1966).

---

<sup>17</sup>O *Index Librorum Prohibitorum* foi um catálogo de publicações proibidas, que objetivava proteger a fé e a moral dos católicos. Compilado pela Congregação do Índice, a listagem de livros visava restringir a leitura de obras consideradas heréticas, imorais ou contrárias aos dogmas da Igreja Católica. A inclusão de um livro no índice implicava que a sua leitura era proibida para os católicos, sob pena de excomunhão. Resumidamente, podemos dizer que o *Index* foi um instrumento de controle ideológico e de censura literária. Grosso modo, podemos dizer que sua existência refletiu a tensão histórica entre a liberdade intelectual e o controle eclesiástico da Época Moderna.

## 5 Considerações finais

Por fim, conclui-se que ao analisarmos narrativas autobiográficas se faz essencial que pensemos acerca dos sistemas de publicação, dos pactos de leitura e das dinâmicas sociais que eram efetuadas pela produção das autobiografias nos primeiros séculos da Época Moderna, objetivando compreender os diferentes mecanismos de poder que estruturavam estas identidades narrativas e compunham as formas como os sujeitos (fossem religiosos ou não) se apresentavam através de textos escritos.

No caso da *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola* podemos notar que o texto se inscreve em um movimento de afirmação da Companhia de Jesus enquanto braço religioso da Igreja Católica Romana, uma vez que a narrativa de sua vida servirá como exemplificadora para outros membros da ordem e teve como primeiro escopo de circulação as próprias redes de contato inaciana. Desse modo, observa-se que a identidade narrativa construída por Inácio de Loyola (e por seus seguidores que buscaram disseminar o texto que continha as memórias do santo católico) é aquela que deve ser seguida por outros inacianos, seja no seu modo de penitência, no discernimento das seduções espirituais, na prática da pobreza e da evangelização, na resistência às tentações, no trato com os poderes eclesiásticos ou na valorização dos estudos enquanto busca espiritual. Em suma, o texto apresenta uma identidade-modelo, um paradigma de comportamento e atuação, sempre, claro, de acordo com os ditames da Reforma Católica que se desdobrava no mesmo contexto.

Ademais, ao longo da nossa análise da obra de Inácio de Loyola também podemos observar como os escritos do padre fundador da ordem dos inacianos se conecta com diferentes estruturas de controle e poder da Época Moderna, especialmente ao problematizar sua história de vida em suas conexões com os agentes inquisitoriais, mas também ao confirmar e incentivar condutas de autorreflexão que sustentaram, em alguma medida, a criação de mecanismos novos de autoridade e influência psicológica, atuando no chamado controle das consciências, principalmente com base nos hábitos de preparação da confissão. A valorização da autorreflexão inaciana, o preparo minucioso para as práticas de confissão e penitência, a obediência fiel e irrestrita ao papado eram elementos que estavam em plena consonância com os interesses eclesiásticos do momento.

## Referências

AGUILHON, Maurice. “¿Es la sociabilidad un objeto histórico?” In: AGUILHON, M. **Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016.

AMELANG, James S. Los dilemas de la autobiografía popular. **Trocadero - Revista del Departamento de Historia Moderna**, Madrid, Num. 16, 2004, p. 9–17. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/trocadero/article/view/695>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998, p. 09–34. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em 21 de nov. 2023.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália**. Lisboa: Círculos de Leitores, 1994.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, n. 16, v. 44, 2002, p. 173–185. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ZNySQnGQtLrt9vgmxqYHsXD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 de nov. 2023.

CARVALHO, Erick Caixeta. **Controlar a vida nas Monarquias Católica: uma análise histórica da autobiografia de Jerónimo de Pasamonte e do Pasamonte de Cervantes**. Epígrafe, São Paulo, v. 10, n. 1, 2021, p. 457–483. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/173487>. Acesso em 03 de nov. 2023.

CARVALHO, J. Vaz de. CÂMARA, Luís Gonçalves da. **Diccionario histórico de la Compañía de Jesús. Roma: Institutum Historicum**, 2001. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001. T. I., p. 608–609. Disponível em: <https://archive.org/details/dhsi2/page/607/mode/2up>. Acesso em 15 de ago. 2024.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

EAKIN, Paul John. **Vivendo autobiograficamente: a construção da identidade na narrativa**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

IPARRAGUIRRE, Ignacio. S.J. “Introduccion general”. In: **Obras completas de San Ignacio de Loyola**. Madrid: BAC, 1963. p. 01 – 66.

JURADO, M. Ruiz. NADAL, Jerónimo. **Diccionario histórico de la Compañía de Jesús**. Roma: Institutum Historicum, 2001. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001. T. III., p. 2793–2796. Disponível em: <https://archive.org/details/dhsi3/page/2793/mode/2up>. Acesso em: 15 de ago. 2024.

LEJEUNE, Phelippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOIOLA, Santo Inácio de. **Autobiografia de Santo Inácio de Loiola**. Trad. António José Coelho, S.J. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2005.

\_\_\_\_\_. **Exercícios Espirituais**. Braga: Livraria A. I, 1999. Trad. Vital Cordeiro Dias Pereira, S.J.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 43, 2002, p. 11–32. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/i/2002.v22n43/>. Acesso em 07 de nov. 2023.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, Vol. 17, 1998, p. 63–201. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em 28 de out. 2023.

MASSIMI, Marina. A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos. **Memorandum**, Vol. 20, 2011, p. 11–30. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6621>. Acesso em 26 de nov. 2023.

\_\_\_\_\_. Narrativas autobiográficas nas cartas de jovens jesuítas do século XVII ao século XX. **Mnemosine**, Vol. 10, n. 01, 2014, p. 23–43. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41639>. Acesso em: 19 de nov. 2023.

MARTINS, Fredson Pedro. Uma igreja, dois mundos: análise das diretrizes conciliares apresentadas em Trento e em Lima (séc. XVI). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 26, 2019, p. 142–172. Disponível em: <https://doi.org/10.46752/anphlac.26.2019.3329> . Acesso em 26 de nov. 2023.

**O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento [...]** Sessão XIV, Doutrina dos Santíssimos Sacramentos da Penitência, e Extrema-Unção, Capítulo V, Tomo I. Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781. Tomos I.

PROSPERI, Adriano. **Tribunais da Consciência: Inquisidores, Confessores, Missionários**. São Paulo: Edusp, 2013. Trad. Homero Freitas de Andrade.

TALLON, Alain. “Inquisition romaine et monarchie française au XVI siècle”. In. AUDISIO, Gabriel. **Inquisition et pouvoir**. Provence: Presses universitaires de Provence, 2004. p. 311–323.

Recebido em 20 de fevereiro de 2025.

Aceito em 13 de março de 2025.

Publicado em 03 de abril de 2025.